



## A Antiguidade Clássica e a cidade do Rio de Janeiro entre Patrimônio e Identidade: entrevista com a Profa. Regina Bustamante e o Prof. Deivid Gaia

*Classical Antiquity and the city of Rio de Janeiro between Heritage and Identity: interview with Prof. Regina Bustamante and Prof. Deivid Gaia*

*La Antigüedad Clásica y la ciudad de Rio de Janeiro entre Patrimonio e Identidad: entrevista con la Prof. Regina Bustamante y el Prof. Deivid Gaia*

Ana Beatriz Siqueira Bittencourt [1]  
Regina Maria da Cunha Bustamante [2]  
Deivid Valério Gaia [3]

---

[1] Doutoranda em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Bolsista FAPERJ. Coordenadora do canal Cool História, voltado à divulgação científica das áreas de Pré-história e História Antiga (<https://www.youtube.com/coolhistoria>). E-mail: [bia.sbittencourt@gmail.com](mailto:bia.sbittencourt@gmail.com)

[2] Professora Associada de História Antiga da UFRJ. E-mail: [rmbustamante@terra.com.br](mailto:rmbustamante@terra.com.br)

[3] Professor Associado de História Antiga da UFRJ. Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado – FAPERJ. Bolsista produtividade do CNPq. E-mail: [dvgaia@hotmail.com](mailto:dvgaia@hotmail.com)

---

Os professores Regina Maria da Cunha Bustamante e Deivid Valério Gaia têm uma longa carreira na docência e na dedicação à pesquisa e extensão na área de História Antiga, atuando no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No desenvolver dessas atividades coordenam o projeto de extensão intitulado “Viva + cidade: descobrindo o neoclássico carioca”, que vinculado ao Laboratório de História Antiga (LHIA-UFRJ), tem como objetivo principal a mobilização dos saberes da História da Antiguidade, do Brasil e da Arte para estudar o patrimônio neoclássico do Rio de Janeiro entre os séculos XVIII-XX.

O presente material é resultado da conversa a respeito do referido projeto e seus desdobramentos, alcance e curiosidades sobre os espaços e objetos que cercam o cotidiano carioca. Assim, com um especial agradecimento aos professores pela entrevista, esperamos que esta leitura contribua para aprofundar a compreensão sobre os temas aqui discutidos e inspire novas reflexões acerca das referências da antiguidade no patrimônio urbano e contemporâneo.

Boa leitura!

**1) Professores, o projeto *Viva + cidade*, ao explorar as referências da Antiguidade presentes no Rio de Janeiro, tem atuado intensamente na divulgação do patrimônio cultural da cidade. Assim, gostaríamos que falassem um pouco sobre como foi o processo de concepção e começo das atividades. Como o público-alvo do projeto o tem recebido? Qual tem sido o maior desafio ao longo desses anos?**

Tudo começou no contexto das aulas de História Antiga, quando explorávamos o nosso próprio edifício do Instituto de História e seus arredores com os alunos da graduação. Em seguida, expandimos a análise para a presença da Antiguidade em outros locais, como o Palácio do Catete e o Cemitério São João Batista.

Até hoje estudamos esses espaços, mas também incluímos outros, como o Cais do Valongo, o Passeio Público e até mesmo lugares que não existem mais, como o Chafariz das Marrecas. Além disso, analisamos as fachadas de diversas edificações e o mobiliário urbano no centro do Rio de Janeiro.

O nosso público-alvo é bastante entusiasmado. Depois de participarem das vivências, muitos nos relatam que passaram a encontrar elementos da Antiguidade por toda a parte, o que enriquece cada vez mais o repertório do projeto.

O maior desafio, sem dúvida, é sistematizar e disponibilizar ao público todo o material que produzimos. A paixão pelo tema nos leva a gerar uma quantidade imensa de trabalho sem que nos demos conta. Recentemente, fizemos um balanço e ficamos positivamente impactados com a quantidade e qualidade do conteúdo. Nosso maior desafio para 2026 será organizar tudo isso para oferecer ao público algo além da experiência presencial.

Outro desafio, que não é difícil, mas que demanda tempo e criatividade, é manter ativa a nossa rede social no Instagram, o @rioneoclassico.

Para 2026, também pretendemos organizar um evento para refletir sobre os caminhos da extensão e sobre a Recepção da Antiguidade no Brasil. A ideia é ir além do espaço urbano e abordar também aspectos literários, jurídicos, políticos etc. que apresentam referências da Antiguidade. Objetivamos, sobretudo, discutir quais ferramentas metodológicas e teóricas podem contribuir para diversificar essas pesquisas.

**2) Contem-nos um pouco sobre os lugares na cidade do Rio de Janeiro que vocês estiveram em busca dessas referências da Antiguidade, que lugares vocês ainda pretendem visitar para o projeto e por que vocês acham que no Rio de Janeiro há tantas referências ao mundo antigo?**

O projeto "Viva+cidade" convida a população, ciente da riqueza de seu patrimônio, a habitar a cidade em um sentido amplo e cidadão. A vivência e a apropriação do espaço, que podem ser replicadas em distintos contextos, promovem o afeto e o pertencimento, elementos essenciais para a preservação e a conscientização desta e das novas gerações. Conhecer a cidade é, portanto, valorizar suas temporalidades e espaços como um bem comum, criando novos sentidos.

Em relação aos novos espaços de exploração, são os próprios alunos que, motivados, nos guiam por diferentes descobertas. Suas experiências individuais e interesses de pesquisa se convertem em contribuições valiosas para o grupo. Assim, transcendemos o centro histórico da cidade para desvendar referências da Antiguidade em outras regiões, como o mobiliário urbano neoclássico da Taquara, na Zona Oeste, e as estátuas e chafarizes em Bonsucesso. Localizamos reservatórios de água ornados com golfinhos de Poseidon e identificamos colunas e pilastras de ordem coríntia e jônica nas fachadas de residências em comunidades, além de tantos outros elementos.

Os deuses Mercúrio e Ceres, por sua vez, revelam a alma mercantil das atividades agrícolas da cidade desde o século XVIII. Ao revisitarmos as igrejas barrocas, com um olhar renovado, descobrimos elementos da Antiguidade que "respiram furtivamente" sob as volutas e rocalhas brunidas a ouro. Essa jornada, interconectada e multifacetada, também nos levou a nos interessar por aqueles que moldaram a cidade, encontrando uma notável gama de artistas e artífices negros que a talharam desde o século XVIII. Um único objeto, como uma estátua na fachada de um edifício, pode, portanto, desencadear uma diversidade de temas que alunos e professores investigam com afincos; temas esses que despertam interesses notáveis da população, totalmente conectados com as questões contemporâneas que nos assolam, como o racismo estrutural.

A profusão de referências à Antiguidade no Rio de Janeiro se deve a uma série de processos históricos. Após se tornar capital do vice-reinado em 1763, a cidade adotou, em parte, o modelo da Lisboa pombalina, reconstruída em estilo neoclássico, como parâmetro urbanístico. Com Mestre Valentim, os primeiros elementos clássicos se materializaram. A chegada da família real em 1808 exigiu uma modernização, e o neoclassicismo foi empregado como o estilo da coroa. Esse movimento foi intensificado com a Missão Artística Francesa de 1816 e a fundação da Real Academia de Belas Artes.

Durante o Segundo Império e o início da República, Paris se consolidou como a grande inspiração, e o Rio de Janeiro, seguindo a tendência, foi profundamente influenciado pelo gosto neoclássico e eclético. Ademais, a Antiguidade, além de servir como modelo estético, representava um espírito emancipador contra os desmandos absolutistas do Brasil colonial, um eco que ressoou na literatura árcade e na própria concepção política brasileira, ainda que de forma sutil e indireta.

É importante sublinhar que a presença da Antiguidade se manifestou em diferentes temporalidades e por motivações diversas em cada região do Brasil, exigindo investigações específicas. Destacamos, a título de exemplo, os trabalhos de Fábio Vergara em Pelotas e do grupo liderado por Renata Senna Garraffoni em Curitiba. Para São Paulo, a obra de Gilberto da Silva Francisco sobre o ecletismo e o (neo)classicismo na arquitetura paulista é uma referência. Esperamos que esses estudos se expandam para outras cidades, oferecendo uma visão mais completa e diversificada da recepção da Antiguidade no país.

**3) Outro aspecto que percebemos no projeto *Viva + cidade* é a relação da extensão, ensino e pesquisa, gerando o desdobrar em diversos projetos de pesquisas e artigos a respeito da representação do Neoclássico carioca por parte dos integrantes. Como se dá a experiência desta relação internamente?**

A extensão, em nosso projeto, está intrinsecamente conectada ao ensino de História – não apenas da Antiguidade, mas também do Brasil, do Rio de Janeiro e da arte. A pesquisa, por sua vez, é um elemento transversal e indispensável, um pré-requisito para qualquer atividade docente ou de extensão. O aprofundamento dos estudos sobre temas específicos se desdobra em projetos de pesquisa robustos, resultando, até o momento, em: seis trabalhos de monografia, dois projetos de mestrado e doutorado em preparação, e uma supervisão de pós-doutorado.

Nós, professores, já publicamos três artigos e estamos elaborando um livro sobre os golfinhos do Rio de Janeiro. O projeto de extensão impactou profundamente nossas linhas de pesquisa individuais. Regina Bustamante, que antes pesquisava os mosaicos norte-africanos, agora dedica-se ao estudo da presença da deusa Minerva no Rio de Janeiro, com ênfase na logomarca da UFRJ. Deivid Gaia, que investigava a história financeira romana, hoje se dedica quase exclusivamente à chegada dos elementos clássicos nas artes, arquitetura e urbanismo no círculo de Mestre Valentim. Além dessas pesquisas, alunos e professores apresentaram comunicações em eventos e ofereceram inúmeras atividades de extensão.

**4) Neste contexto, vocês recentemente publicaram na Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro um trabalho intitulado “A epopeia dos golfinhos do Cais do Valongo” (2023). Contem-nos um pouco sobre o desenvolvimento deste minucioso processo de pesquisa e investigação.**

O nosso interesse pela presença da Antiguidade no Rio de Janeiro é amplamente conhecido. No Cais do Valongo, havia quatro estátuas de mármore de deuses romanos que hoje estão no Jardim Suspenso do Valongo. Embora soubéssemos da existência delas, nunca as havíamos estudado em detalhe. A oportunidade surgiu quando a professora Monica Lima organizou um dossiê temático para a Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, intitulado “Cais do Valongo: patrimônio mundial”, e nos convidou para refletir sobre essas estátuas. Aceitamos o convite, que se apresentou como um verdadeiro desafio.

Inicialmente, seguimos a linha historiográfica brasileira que defendia a instalação das estátuas no Cais para a recepção da Imperatriz Teresa Cristina em setembro de 1843. Essa ideia era corrente e parecia fazer sentido, pois a historiografia afirmava que o Cais, redescoberto em 2011, fora construído para o desembarque da Imperatriz sobre o antigo Cais da época de Dom João. No entanto, ao aprofundarmos a pesquisa, deparamo-nos com a notícia da inauguração do Cais datada de dezembro 1842 (cujo texto da placa encontra-se no artigo referenciado abaixo), antes, portanto, do Imperador se casar, já que as tratativas das bodas só começaram no início de 1843. Descobrimos os documentos minuciosos de construção do cais, detalhando cada pedra, pilastra, os dias de trabalho e os gastos.

Foi nessa investigação que encontramos algo inédito e fascinante. A partir de uma gravura de Friedrich Pustkow, notamos a presença de dois imensos golfinhos de bronze no Cais, que nunca foram estudados anteriormente. Não sabíamos se eles ainda existiam. Ao buscar e analisar os documentos, confirmamos que se tratavam de esculturas em bronze polido, elaboradas e fundidas por um artista chamado João Justino de Araújo. Os golfinhos se tornaram o foco de nossa atenção, e dedicamos quase um ano de pesquisa a essas estátuas que estavam desaparecidas.

**5) A pesquisa revelou a atual localização das esculturas dos golfinhos que originalmente foram feitas para compor o Cais do Valongo; uma contribuição inédita e importante para os estudos do patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Como vocês avaliam o impacto dessa descoberta para a preservação do patrimônio histórico e para a memória cultural do Rio de Janeiro?**

Nossa pesquisa, ao revelar a localização das esculturas dos golfinhos que serviam de bica para as embarcações do Cais do Valongo, oferece uma contribuição inédita e crucial para os estudos do patrimônio cultural carioca. O impacto dessa descoberta para a preservação histórica e a memória da cidade reside no questionamento de uma narrativa historiográfica consolidada.

Entre a oficialização da decisão imperial que escolheu o Cais do Valongo para ser o local de desembarque da nova imperatriz do Brasil (06/07/1843) e a chegada de Teresa Cristina ao Rio de Janeiro (04/09/1843), havia uma janela de tempo exíguo: apenas 61 dias. Seria humanamente impossível, nesse curto intervalo, construir uma praça monumental, um novo cais em pedra, instalar estátuas de mármore de Carrara e encomendar golfinhos de bronze para a recepção da imperatriz.

A documentação histórica nos levou a uma conclusão distinta da defendida pela historiografia: o Cais e a Praça do Valongo já estavam reformados e, na época, se constituíam no único espaço monumental apto para abrigar "dignamente" o desembarque e os festejos consequentes. Desse modo, o que houve, de fato, foi um "oportunismo espacial" por parte da Coroa, que se apropriou do imponente espaço já existente.

Ao aprofundarmos o estudo, que nos permitiu localizar as estátuas (conforme detalhado em nosso artigo), concluímos que a construção do Cais não se deu em função da Imperatriz. Pelo contrário, ela foi impulsionada pela agência da população local, que desde 1837 demandava das autoridades a construção de um novo cais para melhores condições de vida dos moradores da cidade. A Coroa apenas se aproveitou do novíssimo Cais e Praça do Valongo, que eram, à época, os locais mais modernos e belos para desembarque. Embora um edital de agosto de 1843 tenha alterado o nome do local para Cais da Imperatriz, isso não significa que tenha sido construído com esse propósito. Por essa razão, nós o denominamos Novo Cais do Valongo, em contraste com o antigo cais, palco do infame comércio de africanos escravizados.

É imperativo ressaltar o protagonismo da população local, que nos documentos do período surge demandando melhorias em saúde, acesso à água e gêneros alimentícios. As esculturas dos

golfinhos, encomendadas em 1841 a João Justino de Araújo, representam uma nova fase do Cais após a lei de 1831, sendo instaladas em resposta a uma demanda popular justa e insistente.

Nesse sentido, a redescoberta e a correta contextualização dos golfinhos do Cais do Valongo reforçam a necessidade de aprofundar os estudos sobre a população local e suas interações com as autoridades, um desafio que, ao que tudo indica, persiste até os dias atuais.

**6) As esculturas dos golfinhos, além de sua função prática como bicas de água para os barcos do Cais, também desempenham um papel simbólico relevante, especialmente na formação da iconografia da cidade, em uma referência à Antiguidade que perpassa desde sua representação na arquitetura urbana até sua presença no brasão do Rio de Janeiro. Qual é a importância de dar visibilidade às histórias de objetos materiais na reconstrução de narrativas sobre o passado e sobre os processos de formação do espaço urbano?**

As representações de dois golfinhos, em virtude do caráter marítimo da cidade, foram incorporadas ao brasão do Rio de Janeiro a partir de 1896, permanecendo até hoje. Defendemos que o estilo dos golfinhos do Cais do Valongo foi crucial para essa escolha. Como evidenciado no sexto brasão de armas da cidade (1896-1957), as figuras principais eram golfinhos que seguiam esse mesmo estilo. Segundo o historiador Araújo Viana (1904), as duas mais importantes representações de golfinhos na cidade eram as do Valongo e as das armas municipais, compostas por Rodolfo Bernadelli.

O Cais do Valongo, com seus dois golfinhos, teve um papel singular na gênese desse modelo. Na época de Bernadelli, os viajantes que chegavam pelo mar para desembarcar viam, de longe, os dois golfinhos de bronze em seus pedestais de cantaria, com a esfera armilar ao centro repousada sobre o capitel coríntio da altaneira coluna de gnaisse, que permanece lá até hoje. A visão do mar — dois golfinhos laterais com a esfera armilar no centro — era a própria imagem do brasão. O motivo já estava dado pela paisagem.

É fundamental compreender que a dinâmica das transformações não se restringe aos seres humanos, mas afeta igualmente a cultura material. Objetos têm uma trajetória e uma "vida social" com sucessivas mutações que compõem sua biografia. Eles são produzidos, circulam por diferentes ambientes e são ressignificados no decorrer do tempo. Por isso, é imperativo acompanhar, descritiva e analiticamente, os deslocamentos e as transformações desses objetos através dos diversos contextos sociais. Ao desvendar a trajetória de um objeto, como os golfinhos do Cais do Valongo,

conseguimos reconstruir narrativas históricas e dar voz a protagonismos que, de outra forma, permaneceriam invisíveis.

Nós encontramos somente um dos golfinhos e tememos pela sua sobrevivência. Os cemitérios sofrem hoje um problema crônico de roubo de peças de bronze. Esses itens são derretidos e vendidos pelo preço do metal, uma prática que ameaça a integridade de inúmeros monumentos no Rio de Janeiro. O golfinho do Cais do Valongo corre o perigo de ter esse mesmo fim. É preciso que uma cópia seja feita e colocada no local e o original deve ir para um centro de memória, pois o objeto é testemunha dessa história e é uma obra original de um escultor brasileiro. É preciso proteger o nosso patrimônio!

### **Referências Bibliográficas**

Gaia, Deivid Valério; e Bustamante, Regina Maria da Cunha. “A epopeia dos golfinhos do Cais Do Valongo”. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro* 24 (2023): 20-67.